**Três franceses**[[1]](#footnote-1)\*

Proust, Gide e Valéry, isto é, se quisermos, o triângulo equilátero da nova literatura francesa, ao redor do qual Souday,[[2]](#footnote-2) com sua pena crítica, traçou um círculo, tornando-o assim quase uma figura canônica. A isso corresponde o fato de que suas linhas correm sob uma grande folha na qual está impresso o título *Temps*. Souday é cronista literário desse jornal. Isto garante, antes de mais nada, o valor documental desta coletânea de apresentações. O descontraído que vai e vem de suas reflexões, que se repõe a cada livro, possui todas as possibilidades de tornar palpável aos leitores de hoje a atmosfera especial que existia durante o surgimento de aproximadamente 40 volumes tratados na coletânea.

No caso de Proust, isso é o mais interessante. Souday foi, em 1913, um dos poucos que reconheceu na primeira obra da grande série – *O caminho de Swann* – algo mais do que um emaranhado desagradável de notícias insignificantes e de meditações mórbidas. Nada mais difícil para um resenhista do que essa obra, não digo para ler, compreender, mas para apresentá-la ao público. Antes que a guerra, num só golpe, mostrasse a todos a própria existência em perspectiva extremamente reduzida, na medida em que os colocava duramente diante do fim de sua vida, a qual Proust tivera como um enfermo em seu destino; antes que a guerra formasse para ele um público, esse crítico soube trazer à luz o charme e a distinção do livro perturbador. Grande número de seus colegas precisou de seis anos para segui-lo em sua posição de vanguarda. Em seguida, em 1919, o prêmio Goncourt é concedido ao escritor e, de lá para cá, a crítica se transformou mais e mais na escrita da história de sua fama. Mas como uma “Gênese da fama”, apesar do excelente estudo de Julian Hirsch,[[3]](#footnote-3) ainda esteja por ser escrita, aquilo que se mostra de maneira muito diferente nos três escritores é tão cativante. Por outro lado, pode-se justamente lamentar que o ensaísta tenha tornado um tanto apagada a origem jornalística de suas anotações. Sente-se a ausência em tais coletâneas do habitual prefácio e da data de publicação de cada resenha. Seja como for: nas minúsculas nuvenzinhas do horizonte intelectual do tempo, este olhar reconheceu a tempestade de poeira formada por uma fama que se aproximava. Se esse olhar então mais tarde, em todo caso, penetrou-a e compreendeu precisamente o que estava por detrás dela, é uma outra pergunta e mais complexa.

Aquilo que se pode ler aqui sobre Gide poderia tornar sua resposta duvidosa. Assim que suas primeiras obras surgiram nos anos 1890, Souday, também no que diz respeito a esse autor, inteirou-se delas de modo surpreendentemente rápido. Mas, com isso, para a sequência, nada estava ainda assegurado. Proust pode permanecer inacessível a muitos leitores. Mas certamente a quem ele se abre (cada frase pode tornar-se a fresta deste sésamo), sente-se, de uma vez por todas, em casa, em seu círculo mágico. Nada de semelhante ocorre com Gide. Aqui, feitiço e magia não têm lugar. Pois ele pertence àquela terrível classe de escritores que não enxerga no público a humanidade, deus ou a mulher, mas a besta. Gide – nisto, próximo a Oscar Wilde – é um domador de palavras (*dompteur ès lettres*[[4]](#footnote-4)). Um público adestrado na liberdade é seu sonho. E ouvia-se o rugido[[5]](#footnote-5) por toda Paris, que acabou arruinando alguns números da obra, nos quais se pensou mostrar seu domador. Dessas novas insubordinações, Souday não está totalmente isento de culpa.

Mas ele não seria resenhista do *Temps*, não seria o culto e espirituoso representante de um centro burguês consolidado, se não defendesse contra os *Moedeiros falsos*, o *Corydon* e a bela autobiografia de Gide, publicada sob o título *Se o grão não morre,* os direitos do instinto “saudável”, mesmo com certa falta de consideração. Pois, por mais que esse jornalista evidencie teimosamente suas máximas e caprichos, no fundo, ele foi educado pelas melhores tradições da burguesia francesa. Hugo é seu Deus; o clero, seu lenço vermelho, e a democracia, sua profissão de fé. Um racionalismo inteiramente humanista faz dele, então, por si mesmo, um dos intérpretes de Valéry mais interessantes entre muitos nem sempre bem vindos. Conhece-se esse poeta e filósofo como o mais significativo entre os oponentes da corrente surrealista, da psicologia profunda, da corrente psicanalítica, dos cultos do inconsciente e da inspiração. Isso não pôde evitar que, a partir do momento de sua fama, quando os contornos desta surpreendente existência perderam a precisão, à medida que a atenção do público aumentava, que então um abade[[6]](#footnote-6) um tanto espirituoso se apoderasse de alguns de seus melhores pensamentos e uma pálida e insignificante discussão sobre a afinidade entre poesia pura (*poésie pure*) e oração se espalhasse durante meses nas revistas. Nessa dicussão com os mesmos devaneios, aos quais Valéry presta-se (não para sua honra), encontra-se este homem com seu elemento mais íntimo: a polêmica. E se assim se afasta dos tipos medianos da crítica francesa, tornar-se-á então, justamente nesse aspecto, ainda mais acessível aos leitores alemães. Para eles, esses três pequenos volumes compõem o mais agradável esboço, que poderiam desejar, da mais nova luta literária francesa.

1. \* “Drei Franzosen”, in Walter Benjamin, *Gesammelte Schriften* [a partir daqui, GS], vol. III: Kritiken und Rezensionen. Edição de Rolf Tiedemann e Hermann Schweppenhäuser. Frankfurt a. M.: Suhrkamp, 1991, p. 79-81. Tradução de Carla M. Damião e Pedro Hussak van V. Ramos. Essa resenha foi publicada no Caderno de Literatura do Jornal de Frankfurt (*Frankfurter Zeitung*), em 30 de outubro de 1927, nos mencionados *Gesammelte Schriften* e no volume 13 da nova edição intitulada *Walter Benjamin. Werke und Nachlass. Kritische Gesamtausgabe,* coordenada por Christoph Gödde e Henri Lonitz em colaboração com o Walter Benjamin Archiv. O volume 13 (dividido em dois tomos), organizado por Heinrich Kaulen, mantém o mesmo título da edição anterior e acrescenta informações inéditas sobre esboços da resenha, cujo título original seria “Souday: Proust, Valèry, Gide”. [N. E.] [↑](#footnote-ref-1)
2. Walter Benjamin refere-se à coletânea do jornalista e crítico literário Paul Souday, que reúne três volumes sob o título *Les Documentaires*, sendo o primeiro intitulado *Marcel Proust*, o segundo, *André Gide*, e o terceiro, *Paul Valèry*, publicados em Paris, pela editora Simon Kra, em 1927. Souday é também autor do livro intitulado *Les livres du Temps* e jornalista do jornal *Les Temps*, referido por Benjamin nesta resenha apenas como *Temps*. [N. E.] [↑](#footnote-ref-2)
3. Benjamin refere-se à obra de Julian Hirsch, *Die Genesis des Ruhmes. Ein Beitrag zur Methodenlehre der Geschichte* [*A gênese da fama. Uma contribuição para uma doutrina do método da história*]. Leipzig: Johann Ambrosius Barth, 1914. [N. E.] [↑](#footnote-ref-3)
4. Segundo o organizador Heinrich Kaulen (*Walter Benjamin. Werke und Nachlass. Kritische Gesamtausgabe*, volume 13.2, p. 86-88), Benjamin repete a expressão de Gide sobre Baudelaire: “*magicien ès lettres*”. [N. E.] [↑](#footnote-ref-4)
5. Em alemão, *Das Grollen* pode significar o ressentimento ou o rancor. Neste caso, o comentário de Heinrich Kaulen (*ibidem*) é voltado para a reação da opinião pública diante da confissão feita por André Gide, nas obras citadas na sequência, de sua homossexualidade. Cauteloso, o organizador supõe ser isso, mas supõe também ser uma reação, de ordem política, à publicação da *Voyage au Congo*, em 1927, embora esta obra não esteja citada na resenha em questão. [N. E.] [↑](#footnote-ref-5)
6. Benjamin refere-se aqui ao abade Henri Bremond e ao debate sobre a “poesia pura”, que durou algumas décadas na França, em parte motivada pelos três livros do abade: *La Poésie pure* (1925-1926), *Prière et poésie* (1926), *Racine et Valéry* (1930), e pela proposição de que toda poesia advém do divino. [N. E.] [↑](#footnote-ref-6)